



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## EDUCAÇÃO INFANTIL SEM MUROS

Bárbara Prudente de Almeida Rodrigues

*Secretaria Municipal de Educação Rio de Janeiro / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*  
[barbaraprual@ig.com.br](mailto:barbaraprual@ig.com.br)

**Resumo:** *Educação Infantil sem muros* foi uma pesquisa realizada em uma comunidade carente, com um dos menores IDHs do município do Rio de Janeiro, em uma escola da rede pública. Foi viver e sentir junto com as crianças a experiência de aprender no mundo, do qual fazemos parte, desemparedando, a partir de diferentes aulas passeio. Discute, pesquisa e avalia a importância, a necessidade e os impactos das aulas passeio com crianças entre quatro e seis anos, para sua formação integral. Destacando questões relevantes como currículo e planejamento, direitos das crianças à cultura e lazer, e como tudo isso se reflete na vida em família e nas interações dentro da escola e fora dela; na natureza, em museus, teatros, cinemas, centros culturais, nos transportes utilizados, de modo que, a partir das vivências, se possa gerar aprendizagem significativa. Da perspectiva da pesquisa – intervenção, qualitativa onde levamos em conta o ser da criança, suas manifestações culturais e subjetividades. As interações com o pesquisador, entre perguntas, comentários e entrevistas com responsáveis, outros professores da escola, e as crianças, torna essa pesquisa de autoria compartilhada onde todos são sujeitos da formação e transformação das formas de aprender. Com afetividade, amor, trabalho, escuta, registro, diálogo, conseguimos grandes mudanças na rotina da escola. Chegamos a conclusão que com a elevação da auto estima e o sentimento de pertencimento à essa sociedade explorada, as crianças formam conceitos e aprendizagens levadas para toda a vida, ganhando confiança e o direito de desfrutar novas coisas boas da vida.

---

Palavras chave: Aula-passeio, Educação Infantil, Desemparedar, Afetividade, Cultura.

### **Introdução:**

Trabalho em uma comunidade carente, com um dos menores IDHs (Índice de Desenvolvimento Humano) do Município do Rio de Janeiro. E me pergunto: que papel eu ocupo nesse universo?

Penso que fazer meu trabalho da melhor maneira possível, fazer a diferença e mostrar, mesmo para crianças tão pequenas, que existe um mundo além dos muros da comunidade, e que estes podem ser rompidos através do conhecimento e da construção de significado sobre o mundo



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que as cerca é imprescindível. Silvia nos diz: “as crianças constroem significados independentemente do espaço e do tempo direcionado pelos adultos.” (Barbosa, 2004, p.1).

“(…)É um desafio para nossa realidade viver a cidade como oportunidade de interação com a cultura, a natureza, a vida, ampliando as relações que acontecem entre as paredes dos prédios institucionais.” (Guimarães, 2009, p. 101)

Deparei-me com os direitos fundamentais das crianças nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/2009 (DCNEI), que afirmam o direito de conhecer o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico (art.3º) e que isso deverá ser feito considerando as vivências das crianças. Que são elas o centro do currículo (art.4º) e, sendo compreendidas como sujeitos históricos, são produtoras de cultura. Nesse sentido, cabe a nós professores garantir esses direitos.

De forma sucinta, apresentamos a base do trabalho com aulas passeio em meu cotidiano de trabalho, evidenciando a ampliação do repertório cultural de alunos que vivem em comunidades carentes, e que não costumam sair de suas casas para ter acesso à cultura de modo geral. Nossos objetivos são garantir o direito que já lhes é assegurado pela lei, aprofundando os estudos sobre a importância, a necessidade e os impactos pessoais e sociais desse tipo de atividade com crianças entre 4 e 6 anos e em suas famílias.

Sendo a escola o lugar onde passamos grande parte da vida, é preciso garantir que a criança articule conhecimento de diferentes áreas (art. 8º), através das interações com adultos e crianças, pensando na sua formação integral e afirmando esses direitos no cotidiano da escola.

As necessidades humanas universais nos pedem muito mais que sala de aula ou pátio. Nos pedem vida, vivências, experimentação, oportunidades de ver, ouvir e sentir tudo que está ao seu redor. E sendo na escola que passam a maior parte do tempo<sup>1</sup>, nos propomos a *desemparedar* Léa Tiriba (2010), que defende o desemparedar das crianças, mas não simplesmente tirá-las da escola. É fundamental religá-los ao que há de mais precioso: a natureza. E fazendo isso travar um diálogo entre o que é vivido em aulas passeio e o que se constrói de aprendizagens na escola.

---

<sup>1</sup> A escola funciona com o chamado Turno Único, onde as crianças passam sete horas por dia na instituição.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Outra professora já usava desta prática há alguns anos e juntas fomos estreitando nossa parceria interna, principalmente com as crianças da Educação Infantil, percebendo o quanto essa prática era transformadora e formadora, na autoestima dos pequenos, que, com olhar brilhante de alegria, nos davam o retorno que precisávamos. Estávamos no caminho certo, fazendo com que as crianças se apropriassem daquilo que de fato já lhes pertencia, desde que nasceram: O MUNDO.

### **Metodologia:**

Foram as crianças e suas atitudes que gritavam para mim, com o olhar, com os gestos e relacionamentos, que precisávamos de mudanças. Foi assim que dei o primeiro passo, rumo à nossa primeira aula passeio: um circo. O retorno deste passeio foi dos mais positivos, eu ainda não estava preparada para as manifestações que se seguiram. Na segunda-feira logo após o passeio, a roda de conversa esteve rodeada de animação, diálogo e alvoroço. A maioria expressou em seus desenhos, o “Globo da Morte” com seus “motoqueiros corajosos”. Estavam felizes. Os que por algum motivo não puderam ir, estavam curiosos e queriam saber mais! Quanta troca pôde ser feita naquele momento! E com que qualidade!

Da perspectiva da pesquisa – intervenção, qualitativa levamos em conta o ser da criança, suas manifestações culturais e subjetividades. As interações com o pesquisador, entre perguntas, comentários e entrevistas com responsáveis, outros professores da escola, e as crianças, torna essa pesquisa, de autoria compartilhada, todos são sujeitos da formação e transformação das formas e lugares de aprender.

E assim sendo, questionei: quanto de lazer eles têm? Nenhum? Muito? Pouco? E de cultura? A cultura como saber, conhecimento e experiência de vida, todos eles trazem consigo. Teriam eles espaço para manifestá-las? E acesso à cultura como forma de diferentes manifestações artísticas? Que tipo de impacto o uso da metodologia com aulas passeio poderá trazer para a vida da criança dentro e fora da unidade escolar? Essa prática é mesmo importante?

Buscamos entendimento sobre essas questões com base nos direitos das crianças. Começamos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

“Art. 4º. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.” (ECA, 1990)

O artigo aqui descritos desperta em mim uma só ideia, a de que o direito à cultura e lazer existe somente no papel. Na prática, as crianças com quem trabalho talvez não tenham esse direito garantido. Em pesquisa em minha UE (Unidade Escolar), os professores relataram que seus alunos têm pouca ou nenhuma oportunidade de lazer e cultura fora da comunidade onde vivem. E que seus momentos de diversão são em sua maioria nas praças e ruas da comunidade, ou nos shoppings próximos. Em que momentos estes alunos já assistiram espetáculos de teatro, música ou mesmo shows? Quando estiveram num circo, parque e em museus?

Portanto, é com a proposta pedagógica de aulas passeio que estamos garantindo direitos das crianças. Neste estudo, estamos entendendo o trabalho com aulas passeio não só como uma simples proposta pedagógica, mas pelas oportunidades de estar em contato com o mundo, com a vida, com a cultura, enfim, com a sociedade. Momentos que promovem e instigam a experimentação, o questionamento de modo que a criança forme seus próprios conceitos sobre o que está vivenciando, que possa trocar, viver em grupo esses aprendizados, possibilitando que sintam-se construtoras da cultura. Exatamente como define o 4º artigo das DCNEI, entendendo que “cultura é o acervo acumulado de comportamentos, de práticas, de materiais e processos simbólicos de utilização de manifestações de sistema expressivo para a comunicação e socialização.” (LIMA, 2007, p.23)

Parece simples, mas não é. Foi necessário criar, ampliar e estreitar parcerias internas e externas com a UE, a fim de que pudéssemos explorar ao máximo as potencialidades aqui descritas. O objetivo era fortalecer o Projeto Político Pedagógico<sup>2</sup> (PPP) da escola e fazer com que o cotidiano estivesse integrado ao processo de ensino aprendizagem, tendo como metodologia a articulação dos potenciais educativos do bairro e da cidade, colocando-os em contato com a comunidade escolar, valorizando as relações de ensino aprendizagem em diferentes espaços, na perspectiva da Educação Integral, que não devem estar limitadas apenas ao espaço escolar formal.

---

<sup>2</sup> O Projeto Político Pedagógico da escola tem sua base em Bourdieu, com um dos objetivos, ampliar o capital cultural dos alunos. E que pensando nisso, todo ano ou a cada dois anos o grupo elege temas geradores que norteiam o trabalho pedagógico.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para isso, foi preciso definir o espaço externo da sala de aula para além dos muros da escola, buscando inspiração na pedagogia Freinet, que, em sua proposta pedagógica humanista e liberal, apresenta-nos a criança como um ser autônomo, responsável, co-detentor e co-edificador de cultura. Por isso parcerias são tão importantes. Seria imensamente difícil conseguir ultrapassar os muros da escola para tantos e tão importantes lugares como veremos aqui, se não se formassem grandiosas parcerias. Educar deve sempre ser uma prática coletiva, para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

“A Pedagogia Freinet pode ser vista como uma prática coletiva, uma vez que tem por objetivo maior o desenvolvimento da compreensão crítica da realidade e a ação participativa na transformação, segundo as necessidades de todos. Portanto, o sujeito da ação coletiva e da educação não é o indivíduo mas o conjunto de pessoas que participam do processo”. (ELIAS, 1997, p.42)

Isto possibilitou que o trabalho fosse feito quase que em uma corrente. Num movimento de escola que tenta viver uma pedagogia de atividade e cooperação, que aprende para a vida, sem preocupar-se apenas com conteúdos, mas que consegue perceber a criança como centro do processo pedagógico, como nos orienta Freinet, segundo ELIAS:

“Preconiza para o processo educativo uma escola viva, feliz, onde se trabalhe e construa, dando verdadeira significação social ao trabalho. Os conceitos-chave de sua proposta são dois: o trabalho e a livre expressão. Não há preocupação com a quantidade de conhecimentos, mas com o processo de sua construção”. (ELIAS, 1997, p.36)

Esta escola viva e feliz constrói saberes com a utilização de aulas passeio, onde ressignificamos os espaços públicos e ou privados, de modo que sejam apropriados pelas crianças, num caminho educativo que se vive junto, se constrói lado a lado, no momento único vivido em cada passeio, trazendo impressões e as discutindo no retorno à escola. Não me refiro aqui a este ou aquele conteúdo, mas destaco as inúmeras aprendizagens que são formuladas desde que saímos da escola, no trajeto, no meio de transporte escolhido, no local visitado, no retorno, na volta pra casa, na voz que se permite falar, no ouvido que se apura para a escuta. Em tudo construímos saberes.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Figura 1: Retorno do Passeio ao Museu do Índio. Estação do Metrô de Botafogo

Na imagem, estávamos no Metrô retornando de uma visita ao Museu do Índio em Botafogo, Rio de Janeiro. Notem que na imagem, os menores, da Educação Infantil, estão de mãos dadas com os mais velhos. Uma dimensão de cuidar do outro, que chegou a virar brincadeira de mãe/pai e filho(a), entre eles. Sobre isso, TIRIBA (2006) nos fala da importante dimensão do cuidar.

“O cuidado está pautado na necessidade do outro. Isto significa que quem cuida não pode estar voltado para si mesmo, mas receptivo, atento e sensível para poder perceber o que o outro pode precisar. Para cuidar é necessário um conhecimento daquele que necessita de cuidados, o que exige proximidade, tempo, entrega. (...) Cuidar é uma ação que afeta tanto quem cuida como quem está sendo cuidado.” (TIRIBA, 2006, p.14)

No momento em que os maiores estão envolvidos no ato de cuidar dos menores, novos laços são criados, com proximidade e afetividade um aprende com o outro, estando atentos para as necessidades ali expressas. É o educar cuidando, acontecendo fora do ambiente escolar, que torna o aprendizado mais completo.

Há também grande interesse e envolvimento de nossa parte, enquanto educadores, em estreitar laços com Centros Culturais e ou Museus e seus setores educativos. Alguns fornecem capacitações, reuniões e nos envolvem com suas temáticas. Em contrapartida, nos proporcionam posteriormente ônibus para ofertar às crianças grandes experiências.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Outra opção, em geral menos utilizada, é o ônibus comum, que usamos para trajetos mais curtos, bairros próximos ao entorno da escola. Pedimos “carona” (os alunos tem direito a gratuidade) ao motorista que normalmente autoriza a “carona” coletiva.



Figura 2: Dentro do coletivo comum, uma ida ao cinema. Alunos maiores junto aos menores.

Faz-se necessário, nesse momento do trabalho, detalhar o tipo de relação que é estabelecida com os responsáveis, no sentido de parceria, confiança e segurança. Sempre ao início de cada ano, ao receber nossas crianças, fazemos uma completa reunião de pais, onde damos um panorama da nossa metodologia de trabalho, dentro e fora da escola. Especificamente com as aulas passeio, explicamos tudo. Legalmente falando, a cada saída os responsáveis preenchem e assinam uma autorização escrita, que nos permite sair da escola com nossas crianças. Sempre que possível, a direção da escola disponibiliza ônibus de passeio, para levá-los a locais mais distantes, ou sem opção de transporte. E com todo esse respaldo, a direção da escola nos dá total apoio, para que os eventos aconteçam com total segurança, inclusive com sugestões. A maior parte dos pais pergunta, gosta e sugere, inclusive reclamam quando por algum motivo demoramos a realizar passeios.

(...) algumas práticas, que poderei designar de "educação integral, numa escola socialmente integrada e em tempo integral", ainda que embrionárias, visam a sustentabilidade dos seus projetos. Partindo de desejos e necessidades sentidas pelos atores locais, esses projetos acontecem a todo o momento e em múltiplos espaços. Requerem descentralização, questionamento do modelo de relação hierárquica, negociação e contrato, iniciativas culturais, disponibilização de equipamentos coletivos, flexibilidade na organização, respeito pela diversidade.” (PACHECO, 2011, s/p.)



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

É formada então, uma grande parceria que busca a educação integral da criança, unindo pais, professores e direção da escola. Deixando de ser simplesmente uma escola de horário integral, mas aquela que desenvolve com as crianças suas potencialidades em diferentes espaços. Estamos no caminho certo, como sugere Pacheco.

Cabe aqui destacar também a relação de confiança que se estabelece entre nós educadores e as crianças sentindo-se seguras para estar, se manifestar nesses lugares, e fora deles. Cito aqui o caso de uma aluna que verdadeiramente tinha pavor de passear e era respeitada em seus medos e vontades. Mas, interessada em proporcionar a ela outras vivências, conversei com a mãe, e conseguimos, usando um trabalho de convencimento, levá-la ao Museu da Light. Fomos de ônibus de passeio, fizemos todo o percurso de visita juntos e em muitos momentos houve a oportunidade de interação das crianças com jogos, dinâmicas, experiências. Preocupada com ela, ansiosa por saber se estava gostando, me sentei ao seu lado e questionei se estava gostando. Ela me respondeu que sim, e disse: “Não sabia que no museu podia mexer nas coisas.” Conversando, expliquei que cada museu é diferente, e que depois a levaria em outro tipo de museu, para que pudesse ver. E foi assim, que ela passou a querer sempre passear com a turma. Numa relação de conquista e confiança que favorece a criança.



Figura 3: Museu Light das Energias – crianças atentas à explicação do guia.

### **Conclusões:**

Desemparedar essas crianças e colocá-las em contato com o mundo da qual fazem parte, traz um impacto tão positivo que me impulsiona a reflexão de querer sempre mais, de diversas



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

formas, em diferentes lugares. Continuar e seguir no planejamento contemplando as aulas passeio, que nos fazem aprender tanto juntos, as crianças e eu. E agora, ao escrever me pergunto: onde estava escrito que isso deveria fazer parte do currículo? No planejamento anual? Semanal? Foi a partir das indagações e leituras que passei a refletir junto com Silvia Barbosa, sobre Currículo, em que ele não está formatado em um único padrão, mas se propõe ao diálogo entre diferentes formas de expressão da criança, revelando a construção de saberes entre todos os envolvidos.

Aliada a ela, estão as reflexões de Daniela Guimarães envolvendo corpo e espaço, onde verdadeiramente modifiquei meu olhar sobre a criança e a maneira de elaborar o planejamento. Meu foco deixou de ser o conteúdo, o trabalho, o cartaz, a coordenação motora, e passou a ser a criança, colocando em uso cotidiano, todo tipo de aprendizagem, com brilho nos olhos delas.

(...) Favorecer a formação cultural, ou seja, entender a experiência de cultura como alternativa de formação significa garantir o encontro com as artes plásticas, a literatura, o cinema, o teatro, a música, a fim de que todos possam se inquietar e refletir para além do momento em que a interação com a produção cultural acontece. Então, no encontro, ao abrir espaço para a transcendência do seu próprio olhar sobre si mesmo e o mundo que o cerca, o professor ou o adulto que trabalha com a criança estaria mais sensível a entrar em contato com a criança na condição de “sujeito da experiência”. (GUIMARÃES, 2009, p.64)

Quando começamos, era comum convidarmos alguns responsáveis das crianças para ajudar com o grupo, e em geral eram sempre as mesmas famílias que “compravam” a ideia. Até que passamos a pensar em como esses momentos podem ser igualmente ricos para elas, por também estarem em contato com a cultura, compartilhando com seus filhos momentos que talvez não tenham oportunidade fora da escola. Estreitando assim relações entre pais, filhos e escola. Passamos então a variar mais a presença desses responsáveis.

(...) novas funções se colocam para os educadores, num quadro em que o contato das crianças com seus familiares se refaz e, na escola, as relações afetivas, pessoais, existenciais entre aluno e professor estão, muitas vezes, submetidas a um banal e estéril pedagogismo racionalista e conteudista? Que novas relações escola e famílias produzem entre si? (TIRIBA, 2001, p.67)



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Figura 4: Responsável lendo para uma criança que não é o seu filho.



Figura 5: Musical com as crianças e seus responsáveis - Teatro

E é aqui que família e escola formam um novo tipo de relação. Não aquela onde os responsáveis vão à escola apenas para ouvir reclamações de seus filhos, ou para a reunião de pais. Se forma uma relação de confiança, proximidade, conhecimento e afeto. Onde estamos abertos ao diálogo, trocas e principalmente parcerias, fazendo com que as famílias estejam inseridas na escola, valorizando sua importância na vida das crianças. Chegamos a conclusão que com a elevação da auto estima e o sentimento de pertencimento à essa sociedade explorada, as crianças formam conceitos e aprendizagens levadas para toda a vida, ganhando confiança e o direito de desfrutar novas coisas boas da vida.

Eis então a importância e necessidade de aulas passeio na educação infantil, a valorização do conhecimento por meio das diferentes interações, desde as mais próximas, como nas famílias, as mais distantes onde possam verdadeiramente se expressar, ouvir e serem ouvidas, e assim adquirir saberes para toda a vida.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## Referências Bibliográficas

BARBOSA, Sílvia; GUIMARÃES, Daniela. “Cadê a Viviane? Cadê a Ingrid?” – visibilidade e invisibilidade das crianças na creche. In KRAMER, Sonia (org). *Retratos de um desafio – crianças e adultos na educação infantil*. São Paulo: Ática, 2009.

BRASIL (2009). *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil*. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília, DF: MEC/CNE/SEB, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. *Crêterios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1995.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. *Célestin Freinet – Uma pedagogia de atividade e cooperação*; Petrópolis, RJ: vozes, 1997.

GUIMARÃES, Daniela. “Educação Infantil: espaços e experiências.” In: CORSINO, Patrícia (org.) *Educação Infantil: cotidiano e políticas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009, p. 93-104.

GUIMARÃES, Daniela. *“Educação de Corpo Inteiro”*. 2008. Disponível em <http://www.redebrasil.tv.br/salto/>

GUIMARÃES, Daniela. *Ética e cuidado, cultura e humanização: eixos do trabalho com as crianças pequenas na Educação Infantil*. Texto apresentado no seminário do PROINFANTIL./UFPR, 2010.

FARIA, Vitória & SALLES, Fátima. “O currículo como um dos elementos da proposta pedagógica”. In: *Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica*. São Paulo: Scipione, 2007, pp. 19-42.

LEGRAND, Louis. *Célestin Freinet*. Tradução e organização José Gabriel Perissé. Coleção Educadores MEC, 2010.

LIMA, Elvira Souza; *Currículo, Cultura e Conhecimento*. São Paulo, Inter Alia, 2007.

TIRIBA, Léa. *Crianças da Natureza*. Brasília, MEC/SEB/Seminário Nacional Currículo em Movimento, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16110:i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento-&catid=195:seb-educacao-basica](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16110:i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento-&catid=195:seb-educacao-basica)

TIRIBA, Léa. “Educar e cuidar: buscando a teoria para compreender discursos e práticas”. IN: KRAMER, Sonia (org.). *Profissionais de educação infantil e(m) Formação*. São Paulo, Editora Ática, 2005.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PACHECO, *Esperanças em um projeto público de educação integral*. 2011. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/169/artigo234936-1.asp> , acessado em 01/06/2014.

MACEDO, Nelia Mara; SANTOS, Nubia de Oliveira; FLORES, Renata; PEREIRA, Rita Marisa. Encontrar, compartilhar e transformar: reflexões sobre a pesquisa- intervenção com crianças. IN: MACEDO, Nelia; RIBES, Rita. *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro; Nau, 2012.